



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
JOSIVALDO DUARTE DA CUNHA

**A VEICULAÇÃO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NO JORNAL CORREIO DO
CODÓ (1914 – 1918)**

Codó – MA
2018

JOSIVALDO DUARTE DA CUNHA

**A VEICULAÇÃO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NO JORNAL CORREIO DO
CODÓ (1914 – 1918)**

Monografia apresentada a coordenação do curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, Campus VII – como requisito para obtenção de licenciado em Ciências Humanas, com habilitação em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Liliâne Faria Corrêa Pinto

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Cunha, Josivaldo Duarte da.

A veiculação da Primeira Guerra Mundial no jornal Correio do Codó 1914 - 1918 / Josivaldo Duarte da Cunha. - 2018.
44 p.

Orientador(a): Liliâne Faria Correa Pinto.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas
História, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2018.

1. Correio do Codó. 2. Guerra Europeia. 3. Jornal.
4. Primeira Guerra Mundial. I. Pinto, Liliâne Faria
Correa. II. Título.

JOSIVALDO DUARTE DA CUNHA

**A VEICULAÇÃO DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NO JORNAL CORREIO DO
CODÓ (1914 – 1918)**

Monografia apresentada a coordenação do curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, Campus VII – como requisito para obtenção de licenciado em Ciências Humanas, com habilitação em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Liliane Faria Corrêa Pinto

Aprovada em: 20/ 07/ 2018.

Liliane Faria Corrêa Pinto
(Orientadora)

Franciele Monique Scopetc Dos Santos
(1^a Avaliadora)

Francisco Waldílio Da Silva Sousa
(2^o Avaliador)

Codó – MA
2018

Dedico este trabalho a meus pais (*in memoriam*) que sempre acreditaram no poder da educação e me apoiaram dando suporte para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela sabedoria sobretudo pelo dom da vida, pois acredito nessa força superior capaz de dar equilíbrio à natureza.

A meus pais (*in memoriam*), que sempre me deram a educação necessária para que eu pudesse chegar até aqui.

À Universidade Federal do Maranhão – campus Codó, juntamente com todo seu corpo docente.

A Iara Maria, que me ajudou a segurar “as pontas”, quando precisei, principalmente aos amigos André e Fábio Montelo que me ajudaram de forma significativa.

À minha orientadora prof^a Dr.^a Liliane Faria, por demonstrar ser uma “mãe intelectual” e que teve muita, mais muita paciência mesmo de me aturar nos momentos da orientação.

Quero agradecer também a Biblioteca Benedito Leite, por disponibilizarem em seu acervo digital o jornal Correio do Codó, do qual me debrucei durante meses e meses de pesquisa que sem dúvidas, é uma verdadeira obra de “arte”.

Agradeço a Biblioteca Nacional que também disponibilizou os jornais Correio da Manhã e Pacotilha, que uma hora outra, dava uma pesquisada.

A todos vocês, o meu muito obrigado!

É vital o historiador lutar contra a mentira. O historiador não pode inventar nada, e sim revelar o passado que controla o presente às ocultas.

Eric Hobsbawm

RESUMO

Este trabalho realiza uma abordagem da veiculação das notícias sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) no jornal Correio do Codó. Para tanto, pesquisou-se as edições encontradas do referido jornal, que circulou na cidade de Codó-MA entre os anos de 1913 a 1920. Buscou-se analisar os noticiários sobre o tema em estudo encontradas nessas publicações, demonstrando-se como se davam as notícias da Primeira Grande Guerra e como acontecia para assim entender questões que para muitos, são consideradas passadas, mas que nos aproximam da consciência que os homens tiveram de seu passado e de seus problemas. A perspectiva teórica de autores como Lawrence Sondhaus (2013), Carlos Daróz (2016), Marcelo Monteiro (2014), Maria Helena Rolim Capelato (1988) e Tânia Regina de Luca (2010) serviu de subsídio para a fundamentação desta análise.

Palavras-chave: Correio do Codó, Jornal, Primeira Guerra Mundial, Guerra Europeia.

ABSTRACT

This paper presents an approach to the publication of World War I (1914-1918) news in the Correio do Codó newspaper. In order to do so, we searched the editions found in the aforementioned newspaper, which circulated in the city of Codó-MA between the years of 1913 and 1920. We sought to analyze the news reports on the subject under study found in these publications, demonstrating how they were given the news of the First World War and how it came to understand issues that for many are considered past, but which bring us closer to men's awareness of their past and their problems. The theoretical perspective of authors such as Lawrence Sondhaus (2013), Carlos Daróz (2016), Marcelo Monteiro (2014), Maria Helena Rolim Capelato (1988) and Tânia Regina de Luca (2010) served as a basis for this analysis.

Key words: Correio do Codó, Newspaper, World War One, European War.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FIGURA 01	25
FIGURA 02	33

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	20
QUADRO 02	24

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
A IMPRENSA E SUAS RELAÇÕES COM A PESQUISA HISTÓRICA	14
ABORDAGENS TEÓRICAS E HISTÓRICAS SOBRE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL	19
A DIFUSÃO DO GRANDE CONFLITO NO PERÍODICO CODOENSE	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS:	41

INTRODUÇÃO

Eric Hobsbawm (1995) no livro a Era dos Impérios, considera os anos de 1875 a 1914 como a era dos impérios pelo fato de o máximo número de governantes se autodeclararem imperadores além de diplomatas ocidentais os considerarem dessa forma. Isso muda com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, também chamada de Grande Guerra, pondo fim a esses impérios seculares, onde o mundo inteiro se voltou para as notícias que aconteciam na Europa, principalmente as veiculadas dos jornais e revistas, que eram o principal meio de comunicação da época.

O jornal chegou ao Brasil junto com a vinda da família Real Portuguesa no início do sec. XIX e desde então foram surgindo mais jornais, com diversos posicionamentos políticos, revistas, almanaques, folhetos e por causa da censura implementadas em determinadas épocas, circularam vários periódicos clandestinos¹. Para Sodré (1999), a história da imprensa está diretamente ligada ao desenvolvimento da sociedade capitalista, pois o controle dos meios de transmissão de ideias e informações são difundidos por essa classe dominante. Desse modo os primeiros jornais que passaram a circular foram o *Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Correio Braziliense*, ambos surgidos no ano 1808. No Maranhão, o primeiro periódico a circular foi *Conciliador do Maranhão* que teve suas primeiras páginas impressas no ano de 1821 na capital São Luís.

Em Codó, cidade situada no leste maranhense distante aproximadamente 290 km da capital São Luís², circularam vários jornais informativos. O jornal utilizado para a esta pesquisa foi o *Correio do Codó*, pertencente ao Major e deputado Alcebíades D'Aguiar Silva, escrito por ele semanalmente e dirigido por Hamilton Pereira dos Santos e posteriormente por Lafayette d'Abreu Gonçalves (MARANHÃO). Nesse jornal, foram extraídas notícias da Primeira Guerra Mundial fazendo uma análise do que era noticiado e como essas informações eram veiculadas no jornal estudado. Levou-se em consideração o entendimento dos autores como Lawrence Sondhaus, que apresenta um panorama da Primeira Guerra Mundial; Carlos Daróz, que aborda a participação brasileira na Primeira Guerra Mundial; Marcelo Monteiro que fala da entrada do Brasil na Grande Guerra, dentre outros autores que foram surgindo no decorrer do estudo.

¹A autora Maria Helena Capelato (1988), cita como exemplo de jornal clandestino chamado *O Gigolô*, que circulou em São Paulo na década de 20 no qual não há registro na história da imprensa o que leva ela concluir que existiu fora da história, ou seja, na clandestinidade.

² BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

A ideia inicial de se trabalhar com jornais foi suscitada pela professora Dr^a Liliane Faria, que é orientadora desse trabalho. Essa proposta mostrou-se interessante na medida em que o tema sugerido proporciona diversas nuances de análises, sendo que as notícias da primeira guerra mundial veiculadas na imprensa local revelaram-se instigantes. O presente trabalho é composto por três capítulos, no qual o primeiro capítulo faz uma análise historiográfica trazendo a importância do jornal como fonte para a história, tendo como principais autoras a Tania Regina de Luca e Maria Helena Capelato, além de Peter Burke, que ajudam a compreender o processo de revolução historiográfica.

O segundo capítulo procura entender como a Primeira Guerra Mundial ocorreu, o que depois aconteceu e suas consequências sociais, econômicas e políticas. Também relata um pouco sobre a economia do Brasil em relação a guerra, que nesse período estava saindo da condição agrária e passando por um processo de industrialização, não esquecendo do seu principal produto de exportação, que foi o café.

O terceiro capítulo em essência, busca nas edições estudadas do jornal Correio do Codó, analisar a narrativa dos fatos acontecidos e noticiados, como o jornal tratava os assuntos de guerra o que revela seu posicionamento ideológico ao evento. Ainda em vista que o jornal nesse período, tratava a Primeira Guerra Mundial como guerra europeia, pois a princípio envolveu países europeus que depois se alastrou para outros países que se juntaram tanto no bloco da Entente quanto no bloco da tríplice Aliança.

A pesquisa torna-se relevante pelo fato de tornar possível pesquisar jornais codoenses como fonte histórica, trazendo assuntos como a Primeira Guerra Mundial e pelo fato de que ainda persiste um desconhecimento da população sobre a participação do Brasil nesse grande conflito. Ainda contribui como fonte de pesquisa para quem queira estudar o assunto inspirando futuras pesquisas relativas ao meio, pois foi perceptível uma carência nos comentários dos autores estudados.

A IMPRENSA E SUAS RELAÇÕES COM A PESQUISA HISTÓRICA

O estudo por meio da imprensa jornalística e periódicos, se deu graças ao surgimento da Escola dos *Annales*, um movimento historiográfico desenvolvido na França na primeira metade do séc. XX. Fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre ao constituírem uma revista chamada *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, tornou-se um veículo muito importante para produção dos trabalhos dos historiadores sob perspectiva historiográfica. Diferentemente do Historicismo, Positivismo ou Materialismo Histórico³, a Escola dos *Annales* não constitui um paradigma, pelo contrário, essa escola trouxe uma nova forma de fazer história, tanto social, como econômica e também política. Foram criados novos métodos de se fazer história e abandonando a visão positivista que havia predominado o final do séc. XIX e até um certo período do início do séc. XX. Os *Annales* deram grande ênfase à interdisciplinaridade, ou seja, ligaram a ela outras ciências como as ciências sociais, sobretudo a sociologia, tornando-a escola mais robusta. (BURKE, 1991).

Segundo Luca (2013, p.112), foi precisamente a partir da terceira geração dos *Annales* que com novos objetivos, novas abordagens e novos problemas, foi possível enxergar as potencialidades da imprensa que não tinha sido reconhecida de imediato nas duas primeiras gerações. Essas mudanças foram cruciais para a alteração do entendimento de fonte de pesquisa e sua crítica a respeito dele. Abarcam nessa mudança uma intensa renovação do marxismo como também a inclusão de outras Ciências Humanas como a Psicanálise, a Antropologia, a Linguística e a Semiótica que foram imprescindíveis para a interdisciplinaridade. Ainda na terceira geração do movimento dos *Annales*, foi possível a entrada de mulheres, uma vez criticada por feministas nas duas gerações anteriores por deixá-las de fora da história ou por terem perdido a oportunidade de incluírem-na na história de maneira mais absoluta (BURKE, 1991).

O jornal, para Camargo (1971) no ponto de vista histórico, é uma espécie de documento que dá aos historiadores o alcance mais aproximado da consciência que os homens têm de seu período e de seus problemas. Nesse caso, a imprensa periódica é sempre dividida em duas formas: a primeira se refere aos anúncios, que são as propagandas referidas e incluídas nele e o segundo modo que é o contexto, ou seja, todo tipo de matéria resultante como noticiário, editorial, comentários, etc. (CAMARGO, 1971). A autora ainda acrescenta que as charges,

³ Historicismo, Positivismo e Materialismo Histórico, são escolas historiográficas/filosóficas que predominaram no sec. XVIII até o final do sec. XIX, fundada por Leonpold Von Ranke, August Comte e Karl Marx respectivamente.

caricaturas ou anedotas também podem ser incorporados entre as várias formas sutis de se fazer críticas, pois através delas, tem-se a compreensão mais aprofundada da realidade por meio das relações sociais que são difíceis de serem abordadas e muitas das vezes precisam de certa sensibilidade para serem ilustradas, até como forma de críticas.

Na visão da Capelato (1988), a imprensa proporciona ao historiador acompanhar o percurso dos homens através do tempo, assim como, registrar, comentar e participar da história. Segundo sua concepção, o jornal antes de tudo é um produto, pois na primeira página centram-se todos os recursos persuasivos de propaganda da mercadoria. Continua ela:

É preciso considerar, contudo, que a empresa jornalística coloca no mercado um produto muito específico: a mercadoria política. Nesse tipo de negócio há dois aspectos a se levar em conta – o público e o privado (o público relaciona-se ao aspecto político; o privado, ao empresarial) (CAPELATO, 1988, p. 18).

Os artifícios da imprensa para seduzir o leitor são de finalidade política, para atrair as camadas de elites; e de sensacionalismo, com ampla cobertura a crimes, fatos escabrosos, para trazer a atenção das camadas populares e angariar lucros. Desde seus prelúdios a imprensa se estabeleceu como força política, “pois os poderosos e governantes de modo contínuo a utilizam e receiam e por isso sempre quando podem, vigiam, controlam, punem e até mesmo, adulam”. (CAPELATO, p. 13).

Segundo a autora Luca (2010), a imprensa periódica como fonte no Brasil só passou a ser utilizada a partir da década de 1970. Até então, o uso de jornal para fins de pesquisa histórico era muito reduzido. No entanto, a autora ainda destaca Nelson Werneck Sodré que foi “um dos poucos a abordar a história da imprensa brasileira desde seus primórdios até os anos de 1960” (LUCA, 2008, p.117), depois de ter publicado uma obra, que valorizava os periódicos como fonte principal. Desse momento que a imprensa passava a ser concebida como importante princípio de fonte primária. No entanto, há que se observar que a imprensa periódica, até a primeira metade do século XX, era vista sob duas óticas: como enaltecimento da notícia – por achar que o fato era fidedigno da verdade, e a segunda, como fonte suspeita de credibilidade, ou seja, não confiável por não apresentar domínio de independência e não ter exatidão dos fatos narrados nos seus editoriais. Porém, a historiografia passou por reformulações e refletiu muito sobre a definição de documento e foi nesse propósito que as suspeitas contra as fontes nos periódicos, enquanto meios de divulgação de notícias de modo geral, esvaneceram. É exatamente nesse contexto que a história, através dos materiais impressos, busca reviver as conjunturas do passado para compreender o seu período, como afirma Capelato (1988).

Foi com o pioneirismo de Gilberto Freyre, após estudar distintos aspectos da sociedade brasileira do século XIX, que surgiram outros estudiosos que começaram a se valer dos jornais para pesquisa a fim de obter dados dos mais variados e relevantes, como também outros aspectos sociais e políticos da sociedade (LUCA, 2008). No entanto, na década de 1970, os jornais foram sendo mais utilizados como objetos para pesquisas históricas com mais veemência. A autora ainda lembra que outras autoras como Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado tiveram suas pesquisas voltadas para os periódicos do período republicano do qual afirmam que se tem dado pouca relevância a imprensa periódica como fonte de estudo histórico, “utilizando-se dela apenas como fonte confirmadora de análises apoiadas em outros tipos de documentação” (LUCA, 2008, p.118). Ainda vale ressaltar que depois dessa concepção, outros autores como Vavy Pacheco Borges se destacaram nas pesquisas que se valeram dos jornais na década de 1970.

No ponto de vista da autora Capelato (1988), a imprensa participa significativamente da história do Brasil, pois desde o Brasil império já haviam registros de periódicos que circulavam nesse período. Ao mesmo tempo ela surge muito tarde, uma vez que à Coroa Portuguesa sempre impôs limitações para que as notícias sobre a corte não se disseminassem. Apesar da maioria da população ser analfabeta, um fato curioso chama atenção: segundo Capelato (1988), as notícias nos periódicos eram difundidas de forma oral, ou seja, uma pessoa que tinha domínio da leitura, reproduziam-nas em voz alta no local onde se reuniam para comunicação das mensagens.

O jornal no Brasil império teve uma atuação política muito forte, principalmente os periódicos de oposição ao governo imperial. As notícias divulgadas por esses meios de comunicação, eram sempre de lutas pela independência e críticas à Coroa que por sua vez, reprimia sob forma de censura que resultava no impedimento de circulação desses periódicos. Mas foram esses jornais que noticiaram a abolição da escravatura do dia 13 de maio de 1888, resultando em grande festa popular, promovida pela Corte com duração vários dias. Foi nesse mesmo período que a imprensa pôde ter mais liberdade para redigir seus artigos jornalísticos. Posteriormente com a proclamação da república em 15 de novembro de 1889, os periódicos tiveram outra atuação importante ao reproduzi-la. Isto mostra o grande poder de mobilização que a imprensa representa nos acontecimentos históricos, não esquecendo que ela, também oculta alguns acontecimentos como a exemplo as pressões da Inglaterra (devido a Revolução Industrial), as cobranças dos cafeicultores paulistas e outros setores mais dinâmicos da economia, que cabiam novas relações de trabalho.

A história política também é levada em consideração nos meios periódicos. Luca (2008) cita como exemplo dois jornais: *Revolución e Seleção*. Este foi um jornal que teve seu início em 1942 e abordava uma boa relação política que se tinha com os norte-americanos. Aquele é um periódico cubano que relatou o início do processo de revolução cubana, bem como a menção do comunismo e do anticomunismo no Brasil. A autora (LUCA, 2008), ainda lembra do período da censura que a imprensa, de modo geral, sofreu nos períodos do Estado Novo e Regime Militar. Apesar dos próprios jornais e revistas terem colaborado para que houvessem a ditadura, sentiram o peso do regime autoritário. Os jornais usaram a criatividade como estratégias para refrear a censura imposta pelo regime, muitos desses periódicos utilizaram-se de ambiguidade e hesitações para publicar em suas páginas, no qual sempre resultava no confisco e mais opressões e até morte e desaparecimento de jornalistas, como foi o caso do jornalista Wladimir Herzog, como menciona a autora. Tania Regina de Luca (2008), reforça a influência dos jornais como fonte histórica e que ainda é capaz de inspirar futuras pesquisas relativas ao meio.

A imprensa foi se modernizando com a chegada do século XX, pois segundo Luca (2008, p.137),

[...] A velocidade, mobilidade, eficiência e pressa tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano e a imprensa lugar privilegiado da informação e sua difusão, tomou parte ativa nesse processo de aceleração.

As novas técnicas de impressão permitiram maiores números com quantidades expressivas, melhoramento na qualidade do material, incluindo as regiões cada vez afastadas em que os jornais tiveram acesso, graças ao avanço dos sistemas de transportes e agilidades nas distribuições. Vale ressaltar, que com a divisão do trabalho especializado, os periódicos avançaram em termo de mão de obra qualificada como repórteres, desenhistas, fotógrafos, articuladores, redatores, críticos, revisores, além dos trabalhadores operários que eram incumbidos dos afazeres operacionais dos impressos. A autora revela também que a imprensa periódica foi ficando esteticamente mais atraente com um visual aprimorado, tudo isso para aproximar aos anseios da classe média urbana em ascensão e dos novos grupos de pessoas letradas, abrangendo a obtenção do aumento de lucros (LUCA, 2008).

Ainda segundo Luca (2008), a maior mudança que os periódicos tiveram, remete-se na forma de abordar a notícia. Estava tornando-se legítima a ideia de que o jornal cumpre o honroso desempenho de informar ao seu público o que se passou, ou seja, estava incorporando-se que o jornal tem como certo a “verdade dos fatos”. Uma mudança sem volta, considera ela, pois o trajeto adverso sofrido pelo jornal, que não deixa de ser uma empresa, os limites de comercialização perante os entraves políticos (como foi no caso do regime autoritário

vivenciado no Brasil), socioeconômico e cultural, influenciaram para essa prática. Em relação aos conteúdos publicados pela imprensa periódica, a autora elucida que as notícias publicadas no jornal já foi e continua sendo alvo de intensas controvérsias no que tange a sua neutralidade e objetividade. Ela ainda vai mais além quando descreve que os “periódicos selecionam, ordenam, estruturam e narram de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até” ao seu leitor (LUCA 2008, p.139). O historiador ou para a pessoa que pesquisar os periódicos tem ao seu benefício a análise do discurso que possibilita problematizar a identificação entre a descrição do fato e o próprio fato em si, que por sua vez, não tem privilégio no texto da imprensa periódica.

Luca (2008) traz a importância da variedade de fontes imprensa, incluindo os jornais que permite uma ampla e variada pesquisa em torno deles. A autora também não sugere um procedimento metodológico em torno de tantas possibilidades de pesquisa, deixando a entender que vai depender do pesquisador escolher seus próprios meios ou os meios mais adequados de fazer sua pesquisa. Contudo destaca alguns pontos de como começar a pesquisa em torno dos periódicos. Ela cita a título de exemplo como Universidades, museus Institutos Históricos centro de documentação, instituições de pesquisas, bibliotecas e arquivos públicos e privados, além das próprias empresas jornalísticas (LUCA 2008), são lugares com uma variedade significativa para uma boa pesquisa. A autora ainda põe sob vigilância que nem sempre os exemplares estarão dispostos em sua série completa, que é uma grande dificuldade na pesquisa, exigindo uma peregrinação do historiador/pesquisador junto às instituições, assim como pode se encontrar um acervo em péssimo estado de conservação. Ela ainda insiste descrevendo que não há uma receita pronta e acabada a ser aplicada, o que implica a entender que vai depender exclusivamente do historiador/pesquisador esse cuidado, tomando as determinações citadas por ela acima.

ABORDAGENS TEÓRICAS E HISTÓRICAS SOBRE A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Considerado um dos maiores fenômenos do Sec. XX, a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) marcou fim de impérios seculares, além de não prever as consequências revolucionárias durante todo o período em que ela ocorreu (SONDHAUS, 2013). Para Araripe (2011, *apud* MAGNOLI), a Primeira Guerra Mundial foi a mãe de todas as guerras, dando fim à *Belle Époque* que seriam momentos afortunados dados nos primeiros anos do séc. XX, tendo como consequência avanços culturais, científicos e tecnológicos, trazidos pela Revolução Industrial que a Europa estava vivenciando naquela ocasião. No seu início, a Primeira Guerra Mundial ficou conhecida como a Grande Guerra ou Guerra Mundial (ARARIPE, 2011), pois não se tinha guerra na Europa desde o final da era Napoleônica, ou seja, um século antes da grande eclosão, mas vale ressaltar que havia pequenos conflitos sem grande relevância. (SONDHAUS, 2013).

A guerra não só marcaria uma disputa de fronteiras e domínio de territórios, ela também serviu para revolucionar as relações de poder dentro das sociedades europeias como também ao redor do mundo, além de trazer consigo uma nova divisão do *Mapa Mundi*, isto é, criação de novos países e realinhamento de governos divididos, como foi o caso da Itália e Grã-Bretanha, trouxe ainda a ampliação de democracia a outros países, a exemplo, o voto das mulheres a países como Alemanha, Áustria, Grã-Bretanha e Estados Unidos no pós primeira guerra (SONDHAUS, 2013).

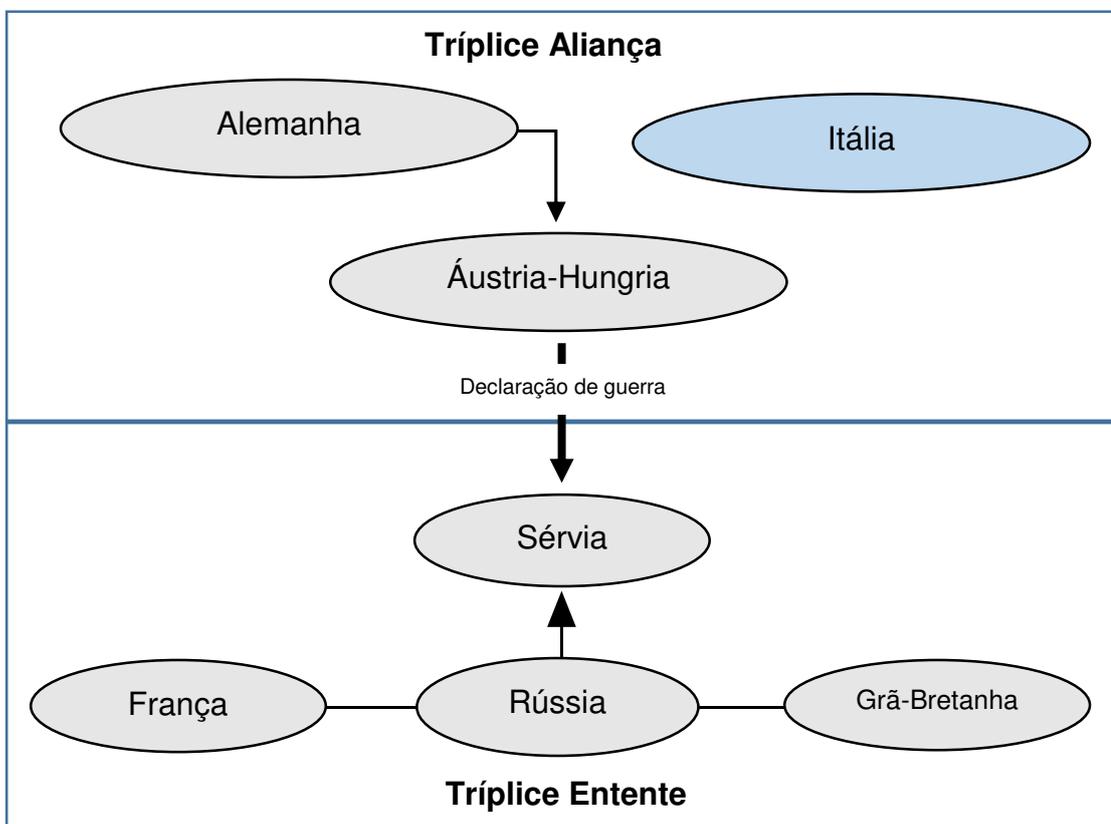
O termo “Primeira Guerra Mundial” apareceu em setembro de 1914 pela imprensa dos Estados Unidos assinalado pelo biólogo alemão e filósofo Ernst Haeckel, mas só a partir do ano de 1939 ele passou a ser usada com mais frequência, como relata Sondhaus (2013, p. 15):

[...] Em setembro de 1914, em declarações citadas pela imprensa norte-americana, o biólogo alemão e filósofo Ernst Haeckel fez a primeira referência registrada ao conflito como “Primeira Guerra Mundial”, em sua previsão de que a luta que começava “se tornar[ia] a primeira guerra mundial no sentido pleno da palavra”. O rótulo de “Primeira Guerra Mundial” só se tornaria corrente depois de setembro de 1939, quando a revista *Time* e uma série de outras publicações popularizaram seu uso como corolário da expressão “Segunda Guerra Mundial”, mas já em 1920 o oficial britânico – e jornalista em tempos de paz – Charles à Court Repington publicou suas memórias da guerra sob o título *A Primeira Guerra Mundial, 1914-1918*. Nos anos do entre guerras, uns poucos descrentes e pessimistas usavam “Primeira Guerra Mundial” em vez da mais comum “Grande Guerra” ou “Guerra Mundial”, de modo a refletir a sua consternação por ela não ter sido, como Woodrow Wilson esperava, “a guerra para acabar com todas as guerras”.

Eric Hobsbawm (1995), ressalta que a Grande Guerra envolveu um amplo número de países europeus, ficando de fora a Espanha, Países Baixos, Suíça e três países da Escandinávia.

A crise internacional começou em 28 de junho de 1914, quando um estudante da Bósnia, Gavrilo Princip matou a tiros o herdeiro do trono da monarquia Austro-Húngaro, o arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa, Sophie Hohenberg, enquanto ambos faziam uma visita oficial à capital Bósnia (Sarajevo). Daí em diante as grandes potências iniciaram uma intensa troca de acusações até resultar em declarações de guerra, que segundo Sondhaus (1953, p. 58) aconteceu em 1º de agosto do mesmo ano (noticiado pela primeira vez, pelo jornal correio do Codó em 09 de agosto de 1914). Gavrilo Princip, por ser sérvio, abriu grandes suspeitas do Reino da Sérvia está envolvido no atentado que tirou a vida do sucessor ao trono Austríaco, já o império Austro-Húngaro com o total apoio da Alemanha expediu uma declaração a Sérvia, no qual a mesma acatou todas as requisições, menos de que deixaria seus territórios abertos a investigações dos austríacos. Como consequência, a Áustria declarou guerra à Sérvia e a declaração formal foi emitida no dia 28 de julho. A Sérvia contava com o apoio de alianças militares feitas ao longo dos anos e os países que a apoiavam foram o império

QUADRO 01: Esquema do início da Grande Guerra.



Fonte: dados da pesquisa.

Russo, a França e a Grã-Bretanha. Essa aliança entre esses países ficou conhecida como Tríplice Entente.

O Império Austro-Húngaro também tinha seus tratados militares formados com outros países e essa união ficou conhecida como Tríplice Aliança ou Potências Centrais (por suas posições geográficas se encontrarem no centro da Europa) e os países que a constituíram eram, a Alemanha, Império Turco-Otomano e a Itália. A Itália se manteve neutra a princípio da eclosão da Grande Guerra (também pode ser percebida no quadro 01 em destaque), logo adiante, precisamente em 23 de maio de 1915, ela declarou guerra ao Império Austro-Húngaro e se juntou a Tríplice Entente⁴, como relata Sondhaus (2013). O quadro 01 acima mostra o esquema gráfico de como era dividido a Tríplice Aliança e a Tríplice Entente no início da Guerra, posteriormente tanto um lado como o outro foram ganhando adesão de outros países no conflito que marcou na história.

A declaração de guerra dada pela Áustria-Hungria à Sérvia no dia 28 de julho de 1914, deu início a uma “Grande Guerra” ou “Guerra Mundial” como afirma Sondhaus (2013; ARARIPE, 2011 *apud* MAGNOLI, 2011). Essa guerra seria diferente de todas as outras guerras existentes até então, pois a tecnologia inauguraria um salto de desenvolvimento trazidos da Revolução Industrial e da *Belle Époque* e incorporado nesses combates. Uma curiosidade que pode ser percebida sobre a Grande Guerra, é que os países ansiavam em alcançar um combate afim de testarem seus poderios militares adquiridos com o avanço das tecnologias obtidos em consequência da Revolução Industrial.

Araripe (2011 *apud* MAGNOLI, p. 326), relata alguns dos avanços que ocorreram durante esse período:

[...] A estrada de ferro e a telegrafia sem fio (a TSF), presentes na Guerra de secessão e na Guerra Franco-Prussiana, são extensivamente utilizadas na Grande Guerra, permitindo transportar, controlar e abastecer grandes massas de homens e de materiais.

O desenvolvimento do motor a explosão e do motor elétrico respondem pelo aparecimento do automóvel, do avião e do tanque, o carro de combate na terminologia militar. O submarino, em fase de protótipo na guerra entre os Estados, tornou-se arma temível no ataque à navegação aliada. Aço especiais e mecânica pesada possibilitaram o aumento de calibre da artilharia e da blindagem dos navios de guerra. O canhão de campanha, o 75 francês e o 77 alemão, gozaram de grande prestígio no apoio ao ataque. A artilharia pesada até 1914 exclusiva das fortalezas e dos navios de guerra, ganhou mobilidade e chegou ao front, montada em vagões e rebocada por tratores a vapor. O Grosse Bertha (Grande Bertha), “delicada” homenagem a Fräulein Bertha, filha do famoso fabricante de canhões Krupp, bombardeou Paris de uma distância de 100 km, causando mais comoção mundial que dano. Os processos de controle e centralização do tiro evoluíram consideravelmente, permitindo aumentar a rapidez e

⁴ A Itália fez acordos secretos com a França assinados no ano de 1902-03, em troca de futuras concessões territoriais, do qual não foi surpresa para a Tríplice Aliança. (ARARIPE, 2011 *apud* MAGNOLI, 2011; SONDAUS, 2013).

a quantidade de granadas que é possível fazer cair sobre o inimigo. “A artilharia conquista o terreno, a infantaria ocupa”, dizia-se — o que explicaria os ferozes bombardeios a preceder o ataque. O soldado de infantaria, alemão ou francês, teria dificuldade em acreditar nisso.

Contudo, os armamentos de guerra não pararam por aí, no seu decorrer a metralhadora a manivela que foi usada em 1870, na Grande Guerra foi aperfeiçoada com canos múltiplos, mais leve, automática e com grande velocidade nos tiros. A indústria química também se desenvolveu, levando a produções de gases de combate fazendo com que as mortes ficassem mais eficientes, com ou sem sofrimento dos seus adversários (ARARIPE *apud* MAGNOLI, 2011).

Entretanto, vale ressaltar, que a guerra não foi algo que começou por acaso, pois “a Áustria-Hungria se expôs ao risco de uma guerra mundial para obter a guerra local que o império queria, e a Alemanha tirou partido da guerra local de seu aliado para obter a guerra geral que ela mesma queria”. (SONDHAUS, 2011, p. 77)

A posição econômica do Brasil em relação à Grande Guerra era a de um grande exportador de café para os países europeus, principalmente para a França e Inglaterra. Contudo, não era só o café que fazia parte da exportação, pois o algodão, a borracha, o fumo, o açúcar também entra nessa estatística de produção e eram impulsionadores da economia desde o ano de 1913 (MONTEIRO, 2014).

Monteiro (2014) explica que o Brasil estava passando por um momento de industrialização, no qual São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco eram os estados que mais possuíam fábricas, como pode ser constatado

O estado de São Paulo contava com o maior centro de industrial, abrigando cerca de 30% das fábricas brasileiras. Em seguida apareciam o Rio de Janeiro (7,4%) e Pernambuco (6,8%) – entre 1912 e 1920, o número de trabalhadores na indústria nacional praticamente dobraria. Quatro de cada cinco peças de roupa usadas pelos brasileiros eram produzidas por fábricas locais, que também respondiam por quase 70% das bebidas e mais de 40% dos remédios consumidos pela população.

No período da Grande Guerra, o Brasil teve sua produção afetada por causa dos conflitos que os países europeus estavam vivendo. E nesse período também, o Brasil tinha grandes dificuldades de conseguir produtos importados. O principal problema enfrentado foi o bloqueio marítimo, na tentativa de neutralizar o comércio para os países aliados de modo que a Alemanha queria prejudicar seus rivais e conscientemente ela sabia que a Grã-Bretanha possuía uma superioridade naval. Segundo Daróz (2016), o almirante Alfred Von Tiroitz, secretário da Marinha alemã, estabeleceu um bloqueio naval ao redor das ilhas britânicas como também da Irlanda, a fim de arruinar sua economia e para que isso acontecesse, a Alemanha utilizou seus

submarinos. O almirante ainda emitiu um comunicado avisando que somente os navios mercantes de adversários seriam afundados, alertando que os países neutros, como no caso do Brasil, poderiam sofrer também das consequências, caso não ficassem de fora da rota. Os países não deram importância ao comunicado e continuaram a transportar mercadorias nessa região de conflito, contudo os afundamentos começaram a acontecer por parte dos submarinos alemães denominado de *U-boat* (DARÓZ, 2016).

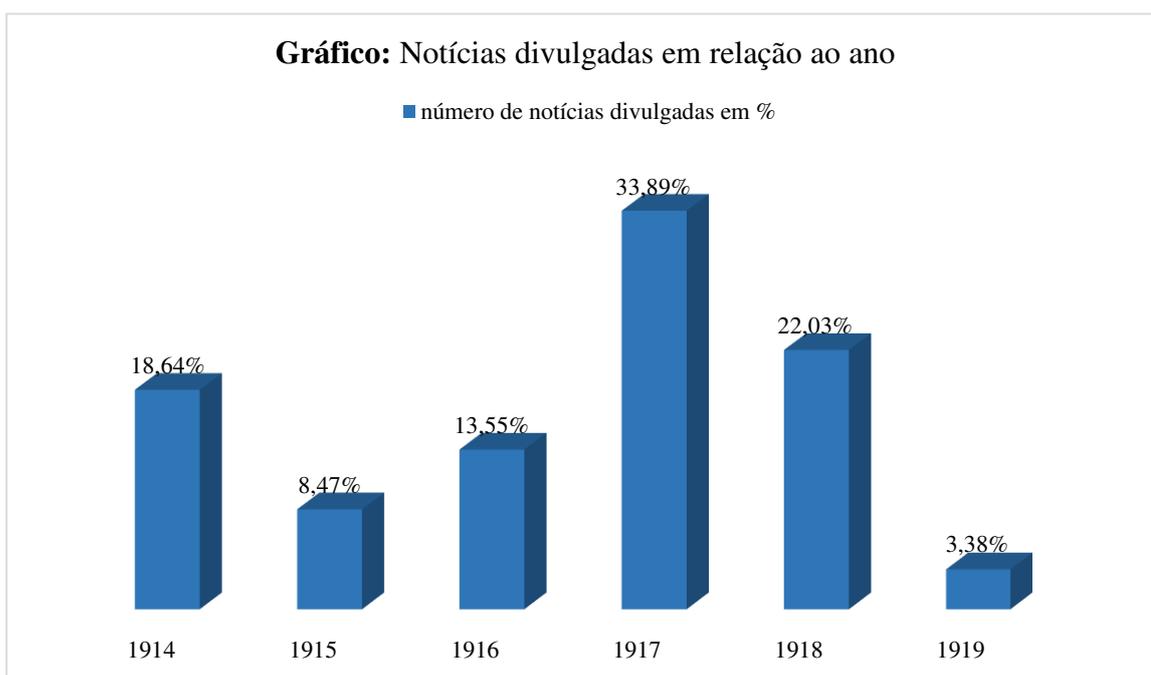
A situação se agravou quando a Grã-Bretanha decidiu não importar mais grãos de outros países, sobretudo o café brasileiro, alegando serem produtos supérfluos e com isso o Brasil teve seus rendimentos alfandegários reduzidos drasticamente por causa dos conflitos. Diante das dificuldades, a indústria brasileira passou por um surto de desenvolvimento de uma certa forma que até os prédios urbanos cresciam de maneira vertical e as principais fábricas ganhavam mais e ainda maiores chaminés. As ruas dos centros urbanos se enchiam cada vez mais de tálburis, bicicletas e carroças que se confundiam com os barulhos de automóveis e bondes (MONTEIRO, 2014).

A DIFUSÃO DO GRANDE CONFLITO NO PERÍODICO CODOENSE

Este trabalho tem como fonte primária principal o jornal Correio do Codó. O periódico era semanal e circulou na cidade de Codó-MA entre os anos de 1913 a 1920. Teve como redator-chefe o Major e deputado Estadual Alcebíades d’Aguiar Silva (MARANHÃO, 2007). Com base nas notícias veiculadas sobre a primeira guerra mundial no jornal codoense, serão analisadas as informações sobre o conflito que chegaram à cidade maranhense por meio do Correio do Codó.

O jornal sempre divulgava suas notícias sobre a Grande Guerra na primeira ou segunda página e de duas formas, sendo na coluna exclusiva intitulada Telegramas – serviço especial do Correio do Codó e/ou Pela Europa. A partir do estudo das pesquisas realizadas no jornal em questão, foi possível elaborar um gráfico relacionando as notícias sobre a Primeira Guerra de acordo com o ano de divulgação.

QUADRO 02.



Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico, no quadro acima, mostra em porcentagem a divulgação de notícias da guerra em cada ano das publicações estudadas. Percebe-se que das 43 edições do jornal do ano de 1914, início da guerra, tiveram 18,64% de suas notícias voltadas para o conflito. No ano seguinte, das 39 edições difundidas pelo periódico codoense, os percentuais de publicações declinaram para 8,47%, tornando a aumentar no ano posterior chegando a 13,55% de 38 edições do noticiário. O ano de 1917, registra o maior percentual de notícias sobre a guerra, chegando

a 33,89% do total de 47 edições publicadas nesse período. Entende-se que isso se deve ao fato de que nesse ano o Brasil participa oficialmente da guerra, devido a vários torpedeamentos de seus navios mercantes (vapores, como relata o jornal). O ano posterior, 1918, com o fim da guerra, das 49 edições do jornal, 22,03% das notícias analisadas, concentrou-se na guerra. A partir de então com a Conferência de Paz assinada em Paris no Palácio de Versalhes, as notícias sobre o grande conflito Mundial foram desaparecendo, contabilizando em 1919, 12 edições, sendo que 3,38% das notícias divulgadas, era sobre o grande conflito.

O periódico codoense relata a Grande Guerra como guerra europeia, pelo fato de envolver, a princípio, somente as potências da Europa, pois durante os anos em que ela ocorreu, em suas edições, sempre a mencionaram dessa forma.

Fig. 01: Imagem do exemplar do jornal Correio do Codó, de 09 de agosto de 1914.



Fonte: Biblioteca Pública Benedito Leite.

As notícias chegadas na imprensa codoense sobre a Primeira Guerra Mundial começam no ano de 1914, juntamente com sua eclosão. Precisamente ocorreu na edição de Nº 94 de 09 de agosto daquele ano. Segundo SONDHAUS (2013, p. 53), “a crise começou em 28 de junho com o assassinato do Francisco Ferdinando, culminando em troca de declarações de guerra em 1 de agosto em diante”. A notícia do Correio do Codó traz a informação de que a Áustria e a Sérvia se desentenderam e por conta disso a Europa toda começava a se armar. Nessa mesma edição, o periódico divulga que a Sérvia, a França e a Inglaterra se armavam para um possível confronto contra a Alemanha e a Áustria.

A edição do dia 16 de agosto de 1914, traz a notícia de que a guerra se intensifica, no lado dos franceses, chegando a reconquistar a Alsácia⁵, uma vez dominada pelos alemães, onde os mesmos perderam 35 navios em combate. A Inglaterra no confronto, nesse momento, segundo o noticiário. A Alemanha pediu ajuda à Itália oferecendo parte da Argélia (colônia) em troca do seu apoio, a mesma recusou manifestando que “a honra do País estava muito acima da amizade dos seus aliados”⁶. O Brasil teve um representante político atacado (Bernardo de Campos e sua esposa) por alemães na fronteira com a Suíça, ao qual governo brasileiro enviou ajuda em forma de dinheiro.

O jornal da semana seguinte, dia 23 de agosto de 1914 mostra toda uma mobilização da Europa em relação à guerra. Relata também que a Alemanha vem sofrendo sucessivas derrotas contra a França, que por sua vez, vem tomando diversas cidades alemães. A Alemanha atacou a Rússia atingindo com duas bombas a cidade Polagem. O governo Alemão prometeu ao governo brasileiro dar todas as explicações sobre o ataque sofrido pelo político Bernardo de Campos. Segundo Monteiro (2014) o Brasil declarou-se neutro em 04 de agosto de 1914, pois tinha uma boa relação com a Alemanha, ou seja, não tinha razões para travar um combate direto com nenhum país europeu. A notícia continua informando que a Turquia comprou um caça alemão e a mesma teve que dar explicações à Grécia e à Itália. O Japão se uniu com a Inglaterra enviando sua esquadra de guerra para atacar a Alemanha.

O periódico do mês de setembro veicula duas notícias nos seus exemplares, a saber dos dias 13 e 27 respectivamente. A do dia 13, dando ênfase como guerra europeia, relata que os franceses vêm dispersando a ofensiva alemã de seus territórios, prendendo o príncipe herdeiro do trono Alemão. A França enviou seis mil homens para ajudar a reforçar e combater

⁵ Alsácia-Lorena é um território Francês que foi anexado a Alemanha pelo chanceler Otton Von Bismarck, durante a unificação Alemã, na guerra franco-prussiana em 1870-71. (SONDHAUS, 2013).

⁶ **CORREIO DO CODÓ:** semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 2. Nº 95, de 16 de abril de 1914. Acervo digital da Biblioteca Pública Benedito Leite.

os soldados alemães. A notícia revela ainda que o chanceler e Ministro dos Estrangeiros da Alemanha fora demitido do cargo. A notícia do dia 27 por sua vez, faz uma rápida nota em que os três países aliados (franceses, ingleses e russos, também conhecido como *tríplice Entente*) continuam vitoriosos em todos os seus combates.

No mês de outubro nota-se que estava intensificada a guerra na Europa, observando pelo viés do jornal, pois o periódico datado no dia 11 do ano de 1914, trouxe muitas notas rápidas de notícias do seu serviço especial – Telegramas, do que acontecia naquele continente. Começa relatando que os navios italianos foram autorizados a receberem viajantes que se encontram em guerra, exceto os povos alemães e austríacos.

Segundo o noticiário codoense, é perceptível a entrada de Portugal na guerra, mandando sua artilharia para combater junto com os aliados. Nesse momento, nota-se uma pequena participação do Brasil na guerra, uma vez que a notícia veicula a informação que há brasileiros feridos na França combatendo juntos com os aliados. Nesse ponto, o jornal não traz uma clareza do porquê tinham brasileiros combatendo junto com franceses, uma vez que o Brasil, nesse período, era um país neutro na guerra e que segundo Daróz (2016), o Brasil só entraria na guerra em outubro de 1917 e que ainda tinha formalizado sua condição de país neutro por meio do Decreto nº 11.037, de 4 de agosto de 1914. Nessa mesma edição, a imprensa periódica codoense continua discorrendo sobre os ataques alemães contra a Antuérpia, uma das maiores cidades da Bélgica, sem obter grande sucesso. A notícia dá conta de que a Rússia acionou um milhão de soldados para batalhar na Cracóvia. Também discorre que a Alemanha perde mais uma batalha pelos russos na Prússia oriental e que a América recebeu uma ameaça do Kaiser, caso ela não ajudasse a seu favor. Ainda relata que Grécia está prestes a se pronunciar a favor dos seus aliados.

A edição do dia 25 de outubro de 1914 usa seu espaço para reproduzir dados de importação e exportação de um jornal de Belém do Pará. No texto jornalístico não traz uma concatenação do que é importado e exportado, mas deixa claro na sua conclusão que a guerra europeia (como ela é tratada pelo periódico) causou um prejuízo de 20% no comércio internacional brasileiro. Ainda nessa data, o Correio do Codó menciona que a guerra, ora era favorável aos aliados, ora era favorável aos alemães. Atenta-se nesse caso, não fica claro porque o jornal tem a intenção de chamar a *Tríplice Entente* de aliados.

Não foram relatadas notícias das edições do mês de novembro pelo jornal Correio do Codó, contudo o semanário do dia 06 e 13 de dezembro de 1914 fez um pequeno comentário da situação da guerra, que seguia seu curso sem grandes alterações. Já na publicação do dia 20 de dezembro do mesmo ano, o jornal Correio do Codó reproduziu uma notícia divulgada do

jornal de Paris sobre treze declarações de guerra que aconteceram no mês de agosto vindo à tona somente nessa edição. “Foi precisamente em 28 de julho que a série começou pela declaração de guerra da Áustria à Sérvia”⁷ – relata o jornal, mas só de 1º de agosto em diante, teve uma sucessão de declarações de guerra entre esses países europeus. Sondhaus (2013, p. 71) relata esse fato que além da declaração de guerra ocorrida, a Áustria-Hungria bombardeou Belgrado, capital Sérvia:

Na tarde do dia 28 de julho, pouco depois da declaração de guerra, a artilharia austro-húngara começou a bombardear Belgrado do outro lado dos rios Danúbio e Sava; naquela noite, três monitores da flotilha do Danúbio juntaram-se ao bombardeio.

No ano de 1915, foram apresentadas poucas notícias do jornal codoense relacionadas à Grande Guerra e que pode ser percebido no gráfico do quadro 02. As primeiras notícias desse ano começam na edição de 13 de janeiro, relatando continuar a Guerra Europeia, na qual os aliados vão conseguindo vitória e avançando terreno contra os alemães e estes por sua vez, raramente conseguem vitórias. A publicação do dia 20 de janeiro traz poucas informações, apontando apenas uma curta descrição de que os aliados continuam vitoriosos contra os alemães e turcos (Império Turco-Otomano). O editorial datado em 3 de março de 1915, relata que os alemães em uma batalha, afastaram os russos do combate e se apoderaram de 160 canhões, do qual mantiveram 104.000 prisioneiros e 7 generais. O exemplar do dia 10 de março traz, no seu serviço especial, a participação do Grande Oriente do Brasil (loja maçônica) enviando a quantia de 10 mil réis para que o Grande Oriente da França, como uma ajuda às famílias das vítimas da guerra que assolava a Europa e que abalava o mundo. Também traz à informação do ataque a catedral de Reims, que fora destruída pelos alemães. Continua relatando confrontos na cidade francesa de Champagne. A Alemanha pede aos civis da cidade de Mulhouse que a deixem com urgência. Russos tomaram a iniciativa do ataque em Bucovina, enquanto os submarinos alemães entram em cena.

Em ano de 1916, a guerra ganha a adesão de mais países europeus, tanto do lado da Tríplice Entente, quanto das Potências Centrais, segundo as notícias do jornal codoense e ratificada por Sondhaus (2013). O periódico da edição do dia 22 de março cita a entrada de Portugal na guerra ao lado da Tríplice Entente e que a Rússia reforça suas forças ocidentais enquanto os alemães foram atacados e expulsos na cidade francesa de Verdun. Durante a Primeira Guerra, a batalha de Verdun foi palco da mais sangüinária e a mais longa batalha

⁷ **CORREIO DO CODÓ:** semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 3. Nº 12, de 20 de dezembro de 1914. Acervo digital da Biblioteca Pública Benedito Leite.

ocorrida nesse período, durando de fevereiro a dezembro de 1916, como relata Sondhaus (2013, p. 236):

[...]. Os 10 meses de combates geraram 377 mil baixas francesas contra 337 mil alemãs. Oficialmente, os franceses reconheceram 162 mil mortes e os alemães, 82 mil, sendo provável que esta última cifra seja subestimada. A Batalha de Verdun foi a mais prolongada sangria geograficamente concentrada da guerra, já que quase todos km², os seus mortos caíram dentro de uma área de 26 na qual foram disparados 10 milhões de projéteis, equivalentes a 1,35 milhão de toneladas de aço.

O periódico codoense no seu exemplar do dia 12 de abril de 1916, trouxe a conhecimento que continuam as pequenas lutas que se alastraram em Salônica. Já a tiragem do dia 19 do mesmo mês relata que os alemães atacam Verdun com pouca intensidade, se preparando para grande ofensiva na frente ocidental e que os aliados se encontravam preparados para contra-atacar e os russos continuavam vitoriosos no ocidente.

O semanário local continua seus noticiários sobre a guerra na reprodução do dia 20 de setembro de 1916, quando destaca uma manchete denominada “A grande Guerra”. O texto diz que o serviço de telégrafo do periódico recebe a notícia que se aproxima o fim da guerra, que toma de conta há dois anos e chama a atenção de todos os países. Destaca ainda que a Alemanha, mesmo com o poder assombroso, não terá chance para vencer o combate com a entrada da Itália, Romênia e Grécia. O jornal tende à subjetividade de seu redator ao demonstrar a satisfação com a aproximação do desfecho da guerra, fazendo votos para que acabe logo essa tormenta. Nessa mesma data, o jornal relata em suas notas rápidas, que com a entrada da Romênia no lado dos aliados, a guerra tomava outro rumo e que com os avanços dos russos e romenos atacando a Áustria, a mesma ficaria sem resistência. Mais adiante, continua noticiando o recuo dos soldados alemães sem reservas, com resistência desesperada, enquanto o povo grego se junta ao seu exército, revoltando-se contra os soldados alemães e búlgaros.

Ainda no mês de setembro, o editorial do dia 27 traz a notícia de que os alemães anteriormente derrotados pelos romenos e russos, derrotam os búlgaros, que por sua vez, fugiram deixando munições e prisioneiros de guerra. Informa ainda que os aliados estão progredindo nas frentes de batalha, russos retirando e obtendo vitória em cima de austros, alemães e búlgaros. Veicula também que jornal de publicação alemã revela que soldados de sua mesma nação perderam posições francesas uma vez conquistadas. Não houveram, no restante do ano de 1916 outras notícias da guerra.

O ano de 1917, é o que mais ficou caracterizado por modificações nos caudilhos das batalhas, como relata Daróz (2016, p. 115):

O ano de 1917 foi marcado por grandes mudanças nas diversas frentes, dente as quais se destacam a saída da Rússia do conflito, a intensificação das ofensivas na Frente

Ocidental e a reestruturação da frente italiana, que deteve as ofensivas das Potências Centrais.

O que estava acontecendo na Europa, não era diferente do que estava sendo noticiado no periódico codoense em 1917. Percebe-se que esse ano, foi o que mais divulgou notícias sobre a Guerra, fato no gráfico do quadro 02. As notícias só começam a surgir nas edições de março daquele ano, quando a tiragem do dia 07, traz a informação de que é contraditória a notícia sobre o fim da guerra, desmentindo a divulgada anteriormente na edição do dia 20 de setembro de 1916. É uma nota rápida, direta e apenas de cunho informativo. O jornal traz no dia 18 de abril de 1917, uma matéria sobre o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha, em seguida apresenta os telegramas no serviço especial do periódico, no qual se inspirou para fazer a matéria.⁸ No texto, revela que parece iminente a entrada do Brasil na Grande Guerra. O senador Rui Barbosa opina ser favorável a entrada do Brasil na Guerra e que o presidente declare guerra o quanto antes. Continua informando claramente que os ânimos se exaltaram na colônia Alemã situada em São Paulo, chegando a ser provocado um incêndio de grandes proporções no jornal intitulado “*O Diário Alemão*” que circulava na comunidade Alemã. A notícia ainda revela que o presidente da República à época, Wenceslau Braz, recebeu apoio de toda parte do Brasil, depois do rompimento das relações Brasil/Alemanha. O ministro Alemão Adolph Pauli, que estava no Rio de Janeiro fez uma declaração que considera platônico o rompimento entre os dois países. Na Argentina, a nota deixa clara que houve várias manifestações de apoio ao Brasil e uma torcida para que o Ministro Alemão deixe o país.

A notícia no periódico do dia 9 de maio de 1917 traz a veiculação de que foi enviado um telegrama do ministro do exterior, Lauro Müller, para o ministro alemão, rompendo as relações diplomáticas e comerciais. Observa-se claramente que o Brasil ainda não entra definitivamente na guerra, como queriam alguns políticos e o povo da época, mas rompe-se oficialmente, as relações com a Alemanha. A notícia de 16 de maio revela que o ministro alemão fez uma declaração em Buenos Aires de que o governo de seu país deseja a continuação das relações amistosas com o Brasil, rompida depois de um ataque ao navio Brasileiro chamado

⁸ Antes da publicação do jornal do dia 18 de abril de 1917, durante a pesquisa, verificou-se que está faltando o periódico do dia 11 do mesmo mês e ano, que provavelmente trazia a informação do torpedeamento do navio brasileiro chamado Vapor Paraná, uma vez que, os jornais *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, na sua edição 6616, do dia 06 de abril de 1917 e *Pacotilha* de São Luís, na sua edição 81, do dia 07 de abril de 1917, trazem essa notícia importante que aconteceu no Brasil. E são desses jornais que o jornal *Correio do Codó*, coletava informações para divulgar para os seus leitores codoense.

Vapor Paraná⁹. Nessa mesma data, também veicula a notícia com dúvidas de que não serão torpedeados mais navios brasileiros, segundo a ação do novo ministro do exterior Nilo Peçanha. Segundo Carlos Daróz (2016), o ministro das relações exteriores à época, o Sr. Lauro Müller, catarinense e descendente de povos alemães, era taxado de defender ideias germanófilas¹⁰, ou seja, admirador de ideais alemães e por sempre defender a neutralidade do Brasil, ele se sentindo pressionado, deixa o cargo no dia 03 de maio, dando lugar ao político Nilo Peçanha. No dia 23 de maio, o jornal codoense reproduz uma notícia vinda diretamente da capital São Luís, do jornal denominado Pacotilha. Segundo a notícia, houve um torpedeamento do vapor nacional Tijuca (navio encarregado de levar sacas de café para a Europa, principalmente para a Inglaterra e França). Esta ocorrência fortaleceu ainda mais a ideia do governo brasileiro de entrar na guerra contra a Alemanha, uma vez que o clamor popular tomou dimensões nacionais.

Na edição de 30 de maio de 1917 na secção Telegramas, o jornal dá destaque à notícia sobre o ataque que havia sido torpedeado mais um vapor brasileiro e que salvou-se apenas a tripulação. Diante deste fato lamentável, o palácio do Catete se reuniu com seus ministros para tratar desse assunto. Outra notícia foi a de que em Lisboa, se tinha em uma grande revolta, devido a ida de um contingente de soldados para a França e também ao aumento dos preços de gêneros alimentícios, decretando-se Estado de sítio. A notícia do dia 06 de junho relata que todos os vapores alemães foram ancorados nos portos nacionais. Segundo Daróz (2016), o governo brasileiro interditou quarenta e quatro navios mercantes alemães e dois navios austro-húngaros, nos portos brasileiros em reação aos ataques sofridos dos navios brasileiros que estavam sendo afundados pelos submarinos alemães. Os navios apreendidos em território brasileiro ficaram à disposição do governo brasileiro até segunda ordem. A notícia do dia 27 de junho publica sem grandes relevâncias as notícias da guerra. Já a edição de 4 de julho, registra a notícia de que os vapores argentinos Torero e Oriana foram torpedeados e o governo daquele país enviará uma nota à Alemanha, esperando que a situação venha se tornar igual à do Brasil. A nota divulga também que os alemães continuam a atacar fortemente as linhas continentais. O encarte do dia 11 não traz informações sobre o conflito a serem publicadas e que as notícias da guerra chegadas à redação são sem importância. No dia 08 de agosto é veiculada a informação que a China declara guerra à Alemanha. Em 12 de setembro, a cidade

⁹ Segundo o jornal Pacotilha, o vapor Paraná, tinha uma tripulação de quarenta pessoas, deslocava com seis mil toneladas e transportava noventa e cinco mil sacas de café e feijão, com destino ao porto de Havre - França. **PACOTILHA**. São Luís. Ano 37. Nº 81.

¹⁰ Carlos Daróz (2017) relata que houve uma polarização de ideias entre a elite brasileira em relação ao posicionamento na guerra, assim como padrões culturais. De um lado aliadófilos, que eram influenciados por valores culturais franceses, de outro os germanófilos, que defendiam a manutenção da neutralidade, pois entendiam que a guerra era baseada em interesse comercial.

russa, Riga – que tinha um forte comércio na época, foi tomada pelos alemães e que o povo daquela cidade vivia em profundo desânimo por conta desta situação. Em Petrogrado esse ato também causou profunda comoção de seu povo.

Em outubro de 1917 ocorrera a Revolução Russa, porém, os jornais analisados, não mencionam esse fato tão importante que se passou nesse período. As notícias do periódico codoense dão continuidade nesse mesmo mês, no qual é divulgado um texto sobre os vapores alemães no exemplar do dia 03. No texto relata que foram enviados telegramas dos aliados para o governo brasileiro, onde o mesmo pede os navios mercantes alemães e que o ministro do exterior está prestes a dar uma declaração formal de guerra contra a Alemanha. Em seguida, o governo brasileiro justifica o ato de apropriação dos navios alemães, que é em resposta ao bloqueio do comércio brasileiro, feito pelos alemães, no qual suas mercadorias se encontram nos depósitos acumulados gerando prejuízos. O texto relata ainda que os donos dos navios alemães ancorados, não sofrerão prejuízo e nem a nação alemã será hostilizada. Finaliza dizendo que não cederá os navios e tentará comercializar suas mercadorias na difícil situação em que se encontrava antes da tomada dos vapores mercantes alemães.

O editorial datado em 24 de outubro traz a notícia que a capital do império russo foi transferida para Moscou, revelando o grande desânimo que assola toda aquela nação. Esse mesmo editorial traz uma suposta notícia telegrafada de Imperatriz para Barra do Corda e Porto Franco em que aviões alemães tenham sobrevoado aquela região rumo ao norte. No dia 31 de outubro, a notícia expressa a fala do presidente Wenceslau Braz, afirmando aos governadores de Estado, que o Brasil foi impulsionado a entrar na guerra ao lado dos aliados, depois dos atentados envolvendo os navios brasileiros. Continua relatando que o presidente busca trabalhar em parceria com os aliados, respeitando os bens e os povos alemães que vivem no Brasil. Em seguida, fala que foi proibido a publicação de jornais alemães e vai ser inauguradas escolas estrangeiras tornando obrigatórios ensinos vernáculos. Nessa edição ainda é veiculada a notícia que os alemães torpedearam o vapor brasileiro Macau e não tem certeza se o Cabedello também foi torpedeado. A notícia seguinte fala que o Senado e a Câmara declaram guerra à Alemanha aprovando a proposta do Presidente da República. O texto jornalístico justifica que a situação empurrou o Brasil para a guerra e que é dever dos seus cidadãos prestar o seu serviço à pátria, que bem como rebater toda a afronta recebida e honrar as vítimas que derramaram seu sangue nos mares.

Segundo Monteiro (2014), no dia 26 de outubro de 1917, o Brasil sanciona um decreto em que reconhece o estado de guerra contra a Alemanha, que fora iniciado por ela. Esse decreto foi bem recebido pela maioria dos brasileiros, levantando a onda patriotista do povo,

inclusive dos deputados e jornalistas de origem militar a demonstrarem a intenção de apresentarem-se ao exército para ajudar a combater na guerra ao lado dos aliados. Daróz (2011) e Monteiro (2014), relatam que somente o senador representante do estado do Piauí, Joaquin Pires, foi contrário ao decreto que reconhecia o estado de guerra contra a Alemanha, alegando ser inconstitucional. Também segundo Monteiro (2014), o Presidente Wenceslau Braz, envia um telegrama a todos os governadores solicitando o apoio de toda a população e imprensa diante da situação em que o Brasil estava passando.

Fig. 02: Assinatura do decreto de reconhecimento do estado de guerra entre Brasil e Alemanha.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

No dia 14 de novembro, o Governador do Estado do Maranhão, Bricio Araújo, manda reproduzir um telegrama do Presidente Wenceslau Braz nos jornais maranhenses. No telegrama, pede que os cidadãos não atentem contra os bens e vida dos alemães residentes no Brasil e que punirá severamente todos aqueles que afetarem contra a ordem nacional. Diz ainda, que o brasileiro deve cumprir o seu dever de alistar-se e atender os apelos da Nação. Essa notícia foi repetida nas edições dos dias 21 e 28 de novembro de 1917, no periódico codoense. O jornal Correio do Codó, na edição do dia 12 de dezembro destaca que surgiu em toda parte de Portugal, um grande movimento revolucionário de caráter político militar, depredando tudo. Continua ainda informando que o Presidente da República Portuguesa encontra-se preso e que Lisboa foi bombardeada por navios de esquadra. O exemplar divulga também que correm boatos de que Veneza foi tomada por soldados alemães e que um navio americano, carregado de munições, foi alvo de uma das maiores catástrofes registradas naquela época no porto de Halifax, em que quase toda cidade ao redor do porto ficou

reduzida a um monte de cinzas. A edição de 26 de dezembro, traz a única notícia de que não é confirmada a tomada da Veneza pelos Alemães.

No ano seguinte, 1918, o jornal de 30 de janeiro, reproduz uma notícia esperançosa sobre os rumos da guerra, relatando que aumentam as possibilidades de paz dos países europeus. Já no editorial do dia 13 de fevereiro, relata que os países europeus continuam a falar em acordos de paz, porém nada foi tratado de concreto, ficando só nos discursos dos parlamentos das nações em guerra. Nota-se que os países estão fatigados com a guerra e se começa a falar em paz entre eles. No dia 27 de março, o jornal codoense veicula a notícia do jornal Pacotilha, expondo que os alemães ganharam a batalha em Monchy, Cambrai, Saint Quentiu, Lefere e que fizeram trinta mil prisioneiros de guerra, tomando os canhões dos aliados e que estes recuaram. Um misterioso bombardeio afeta a cidade de Paris, na França em pode ser escutado em uma distância de 120 quilômetros. O periódico de 03 de abril noticia uma nota curta que diz continuar grandes batalhas de frentes francesas e inglesas. No dia 17 de abril, o noticiário codoense divulga um texto falando sobre os dez mandamentos da guerra. No texto, propaga um discurso de cunho xenofóbico contra o povo alemão e ao mesmo tempo nacionalista. A situação se agravou segundo Daróz (2016, p.110), quando os povos alemães que viviam no Brasil, principalmente no sul do país, eram vistos pelo governo como uma ameaça ao desenvolvimento e controle da região. O cônsul alemão, que morava em Florianópolis, incentivava os imigrantes conterrâneos a se armarem e fazerem baderna na cidade. Com essa situação de tensão acontecendo, o presidente Wenceslau Braz, em 17 de novembro de 1917, decreta estado de sítio nas regiões sul e sudeste do país. Não satisfeito, o senador Rui Barbosa, político de oposição da época, via como diminuição da afinidade da população na entrada do Brasil na Grande Guerra. Embora seu apelo não fora ouvido, medidas autoritária e xenofobas foram tomadas pelo governo de Braz, como repressão policial, proibição e fechamento de jornais e escolas de língua alemã, aumento de fiscalização em outras escolas estrangeiras que funcionavam no Brasil, que inclusive foram obrigadas a adotarem como língua e ensino oficial o português. O governo, com essas medidas, pretendia manter a unidade do país e o controle da situação de caos que estava acontecendo nesse período e conseqüentemente, contribuir com os aliados que se encontravam em guerra. (DARÓZ, 2016).

Um texto explicando o motivo dos Estados Unidos terem criado um conselho nacional de defesa, detalhando as competências que esse órgão exerce no seu país explicando os gastos com fabricação de aviões para guerra, foi publicado na edição de 24 de abril de 1918. “Pensam os americanos que é por meio da aviação que se poderá acabar a guerra com menor

perda de vidas e menos destruição de propriedade¹¹” (CORREIO DO CODÓ, 1918, ANO VI, Nº 120). Nesse trecho extraído do jornal codoense, percebe-se a subjetividade de seu redator ao opinar sobre a aviação norte americana. O texto ainda demonstra que os Estados Unidos estavam fornecendo cavalaria e cinco mil aviões, além de aparelhos militares e navais para os países aliados na Tríplice Entente. Finaliza dizendo que essa ajuda será de suma importância para equiparar os aliados na guerra. Nesse momento percebe-se a presença dos Estados Unidos como substituto da Rússia na guerra, uma vez que o jornal codoense também não relatou esse grande fato que ocorreu em abril de 1917.

O periódico codoense, por algum motivo, passa um longo período sem divulgar notícias relacionadas à Grande Guerra, precisamente seis meses, contudo, continua publicando apenas notícias de cunho local e vinda da capital e região. As notícias sobre a guerra voltam a ser divulgadas a partir do exemplar de 09 de outubro de 1918, quando trazem um furo de reportagem onde diz que os impérios centrais solicitaram paz, por intermédio do presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson e que a Alemanha pede paz. Arbitramento, desarmamento, restauração, indenização a Bélgica, autonomia da Alsácia e Lorena serão os temas discutidos no Congresso de paz que deverá se reunir em um país neutro. A notícia veiculada em 16 de outubro, relata que começou a evacuação da Bélgica, o Kaiser alemão abdicou de seus poderes e o Presidente Norte Americano Woodrow Wilson, faz um pronunciamento em que diz que só tomará iniciativa de qualquer entendimento, depois que forem evacuados os territórios invadidos em guerra. As Potências Centrais pediram que fosse tratado com mais agilidade a declaração do armistício geral bem como aceitam a paz como deseja o Presidente Wilson em sua declaração ao parlamento *Yankee*. No dia 23, na coluna de seu serviço especial, apresenta a informação que foi restaurado o sistema de paz entre as nações e que as tropas alemãs estão evacuando os locais de conflitos da França e Bélgica. As notícias dão continuidade em novembro, quando no seu exemplar do dia 06, relata que a Áustria proclamou sua república, no qual seus exércitos juntamente com dos turcos, foram desmobilizados. Segundo o noticiário, tanto a Áustria quanto a Turquia, aceitaram integralmente as condições impostas pelos países aliados para a concessão do armistício. Ainda nesse noticiário, na Alemanha está acontecendo graves acontecimentos, devido os grupos de revoltas, resultando na abdicação do imperador Guilherme II.

Segundo Daróz (2016), vários pontos fizeram com que o Kaiser Guilherme II abdicasse o império Alemão, que começou a sucumbir em setembro de 1918. Suas muitas

¹¹ **Correio do Codó:** semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 6. Nº 120.

baixas nas frentes de batalhas, por conta de seus exércitos esgotados; perda de aliados, como foi o caso da Bulgária, no qual foi o último país da Tríplice Aliança a entrar no combate e o primeiro a abandonar seus aliados. Em 30 de outubro, o Império Otomano foi outro país a deixar a aliança das Potências Centrais, por conta de seu exército fraco sofrendo com mais de 1,5 milhão de derrotas, a Áustria-Hungria, sofria com a fome em seu território, revoltas populares e frustrações políticas. Na própria Alemanha, milhares de pessoas morreram de fome, por conta da produção de batatas, principal meio de produção, cair mais da metade por causa do inverno rigoroso acontecido em 1917. Também na Alemanha, muitas revoltas aconteciam devido o povo ser contra o governo e a guerra. O Imperador Alemão, ao presumir que não tinha mais o apoio do povo e muito menos do seu próprio exército, resolveu abdicar, exilando-se para a Holanda no qual passaria o resto de sua vida. (DARÓZ, 2016).

O jornal Correio do Codó prossegue divulgando notícias sobre a guerra no seu semanário do dia 13 de novembro de 1918. Nessa data, comunica que foi assinado o armistício da Alemanha, suspendendo todas as hostilidades, incluindo quatro cláusulas do general Ferdinand Foch. Continua informando que a Alemanha proclama sua República, assinando o acordo de armistício com todas as condições impostas pelos aliados. Relata também que o Ex-Imperador da Alemanha – Guilherme II seguiu com sua família para o sul de Baviera, do qual foi transmitida pelo Governador Nilo Peçanha. Na edição do dia 27 de novembro de 1918, menciona que os submarinos e a esquadra alemã, que era composta por nove couraçados, cinco cruzadores de batalha, sete cruzadores ligeiros, cinquenta destróieres (navios de guerra), ficaram em poder dos países aliados. Diz também, que o Brasil foi convidado oficialmente para a conferência de paz, do qual foi representado por Domício da Gama, Nilo Peçanha, Pedro Lessa e Eptácio Pessoa.

Observa-se que as notícias chegadas sobre o armistício através do periódico codoense, começam por volta do dia 13 de novembro, porém Sondhaus (2011), expressa que assinatura desse acordo começaram no dia 8 do mesmo mês, quando uma delegação Alemã conduzida por Matthias Erzberger, que é líder do Partido de Centro Alemão, reuniu-se com a comitiva dos países aliados, liderado pelo general Foch, em uma parte vaga da floresta de Compiègne. Foi uma reunião de uma primeira tentativa de um acordo do qual os alemães, não esperavam pela contundência do projeto, no qual incluíam a desmobilização imediata do seu exército, subtração de todos os seus navios de guerra, incluindo os submarinos, entrega de armas, tais como, metralhadoras, bombas, aviões de guerra, além de evacuarem as fronteiras, devolvendo a Alsácia-Lorena para a França e entregando suas colônias para os países aliados. Não parou por aí, pois tiveram também que devolver todos os prisioneiros de guerra, deixando

os seus em poder dos países da Tríplice Entente até a assinatura de paz definitiva. Os alemães não concordaram de imediato e tiveram um prazo limite de 72 horas para assinar o acordo. Contudo, o representante alemão tentando procurar mais instruções antes de assinar o documento, se deparava com um caos em Berlim e com um Imperador que estava prestes a perder seu trono. Ainda tentou se reunir com os outros importantes generais da Alemanha do qual já não apoiava mais o Kaiser e Guilherme II como acreditava que não tinha mais o apoio do povo e nem de seu exército, embarcou direto para a Holanda, no qual viveria no exílio com sua família, até sua morte. O representante alemão Erzberger com sua delegação, como não tinha autorização para assinar o armistício, encontrou-se mais uma vez com o general Foch e:

[...] Pouco depois da meia-noite de segunda-feira, 11 de novembro, Erzberger e a delegação alemã voltaram ao vagão ferroviário na floresta de Compiègne. Em três horas de mais discussão, Foch fez apenas pequenas alterações nos termos do armistício, que Erzberger e seus colegas assinaram às 5 da manhã. Foch e o almirante sir Rosslyn Wemyss, primeiro lorde do almirantado da Grã-Bretanha, assinaram pelos Aliados. O momento para o cessar-fogo foi estabelecido às 11 horas da manhã do 11º dia do 11º mês. A Primeira Guerra Mundial tinha terminado, mas a revolução global que ela acendera continuava. (SONDHAUS, 2011, p. 471).

Sondhaus (2011) conta que apesar da surpresa tomada pela assinatura do armistício, os soldados alemães não tinham outra alternativa a não ser aceitar o tratado, pois com o exército alemão exaustado da guerra e a crise acontecendo em seu país, dentre outros fatores, era eminente que os esquadrões de ataque dos aliados avançariam tomando de uma vez por toda a Alemanha, e essa assinatura veio a evitar esse confronto. Um fato curioso chama a atenção, que ao propor esse armistício os aliados queriam dar um golpe no qual a Alemanha não tivesse como se recuperar.

Com o fim da guerra, o jornal codoense publica mais duas notícias no ano de 1919, dessa vez a respeito do Tratado de Versalhes, como ficou conhecido o Tratado de Paz. A primeira notícia chega no dia 19 de fevereiro, quando informa um texto intitulado *A Conferência da Paz*, de autoria de Gonçalves Maia a respeito do Tratado de Versalhes. No texto escrito no jornal, o autor fala que o tratado pode não agradar o Brasil, assim como não agradou a Bélgica e outros países considerados “pequenos”, pois esses países eram tratados de acordo com sua situação territorial e econômica. O texto ainda informa que Rui Barbosa, em sua fala, demonstrou que “não havia grandes nem pequenos, assim perante o direito internacional, todas as nações eram iguais naquela conferência” (CORREIO DO CODÓ, 1919, ANO VII, Nº 8). Segundo o texto informado no jornal, na conferência, os países eram considerados de primeira, segunda e terceira classe e o Brasil, nesse caso, era considerado de segunda classe, passando da Bélgica que era considerada de terceira classe. Muitos que participaram da reunião, acharam

absurdo esse tipo de tratamento, pois lembram eles que nos campos de batalhas, não existem categorias de classe e mesmo com essa reunião, no ponto de vista deles vexatória, o Brasil terá o direito de levar em sua delegação, três representantes (dando a entender que teve a primeira e terá outras). A outra notícia a respeito do Tratado divulgado no periódico, foi em 13 de agosto de 1919, quando fala que o tratado será assinado com a Áustria no dia seguinte, 14 do mesmo mês.

Segundo Araripe (2012, apud MAGNOLI, 2012), a conferência da Paz, também conhecido como Tratado de Versalhes, por ser realizado no salão dos espelhos no palácio que recebe o mesmo nome, foi uma conferência realizada com países participantes da Grande Guerra. Inspirada nos catorze pontos de Wilson, o tratado foi presidido e mediado por George Clemanceau e comandado por quatro países cabeças, são eles: Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e Itália, eles é quem realmente decidiam na conferência. A Rússia tentou fazer parte da Conferência, porém não foi convidada a participar e ficou isolada, por não ter um governo reconhecido pelos quatro países, que de fato, determinavam na Conferência. A finalidade do Tratado foi procurar manter a paz entre os países envolvidos no conflito, responsabilizando a Alemanha como a causadora da guerra e fazendo ela arque com os prejuízos. O Brasil foi o único país da América do Sul a participar da guerra, porém ele só foi convidado a fazer parte da Conferência, graças à intervenção dos Estados Unidos (ARARIPE apud MAGNOLI, 2012), que também conseguiu com que a Alemanha o reembolsasse em valor monetário com juros e taxas convencionadas, relacionados as sacas de café e outras mercadorias perdidas nos afundamentos de seus navios provocados por ela (Alemanha).

Durante sua realização, o Tratado foi bastante conturbado, cheios de polêmicas, desorganizado, com choques de opiniões nas próprias delegações. Um fato curioso quase põe a assinatura do tratado em xeque a suas vésperas, colocando tensões entre os países participante, pois um auto afundamento de 52 dos 74 navios de guerra alemães, haviam sido provocados propositalmente. A Alemanha se declarou inocente do acontecido, responsabilizando o almirante alemão von Reuter, que de fato assumiu a acusação, enchendo de orgulho o povo daquele país. Os Estados Unidos sentiram um alívio com esses afundamentos dos navios alemães, pois foi tratado como um problema a mesmos a divisão desses navios com os aliados, uma vez que foi um dos pontos polêmicos do Tratado.

Araripe (apud MAGNOLI, 2012) relata o que ficou decidido na Conferência foi que a Alemanha teve que devolver a Alsácia Lorena para a França, além de extrair carvão na região alemã de Sarre por quinze anos e fizeram com que ela também desse uma saída para o mar à Polônia, redistribuindo as suas colônias aos países aliados. Com medo de que houvesse

um revanchismo alemão, reduziram o seu exército a cem mil homens do qual deve manter; tanques de guerra, canhões de longo alcance e aviões militares foram proibidos. Outros tratados foram assinados na Conferência da Paz em Versalhes, como o Tratado de Saint Germain, que regulou o desmembramento do Império Austro-Húngaro, fazendo com que a Áustria ficasse reduzida a 84 mil km². Nesse Tratado também ficou proibido a anexação da Áustria com a Alemanha, como queriam muito os austríacos, outros países foram criados ao redor, deixando com que ela ficasse sem acesso ao mar, tendo como consequência o desaparecimento de toda sua marinha. A Hungria também foi responsabilizada no Tratado de Saint Germain, pois perdeu 72% de seu território, mais 64% da população e teve que manter um exército de trinta e cinco mil homens (SONDHAUS, 2012). E para fiscalizar todo esse processo da Conferência da Paz, foi criado a Liga das Nações, para garantir a segurança coletiva, do qual o Brasil participou durante três anos, ao lado da Bélgica, Espanha e Grécia. O Tratado de Versalhes foi encerrado oficialmente em 21 de junho de 1920 (SONDHAUS, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os periódicos são uma fonte inestimável de análise do qual é possível seu resgate através da história, como relata Capelato (1988), porém existem dificuldades a serem superadas. No jornal pesquisado, observou-se que por algum motivo, faltaram algumas edições que do qual enriquecia mais ainda a pesquisa. Jornais esses que traziam a entrada dos Estados Unidos na Grande Guerra, assim como a saída da Rússia nesse mesmo conflito. O jornal Correio do Codó, chama a atenção por ser um periódico da época da Primeira Guerra Mundial que trazia a notícia dos fatos sobre a mesma, e que ao ser analisado, se apresenta imparcial ao seu público leitor da época em que circulou, mas nota-se uma sutil subjetividade de seu redator em algumas edições.

É importante perceber, segundo os autores estudados que, a guerra não parecia ser por acaso, pelo contrário, os países europeus, tanto da Tríplice Aliança, quanto da Tríplice Entente a ansiavam, achando que seriam uma batalha rápida, principalmente a Alemanha, que segundo Sondhaus (2011), por ter o segundo maior exército do mundo naquele período, queria testar seu poderio militar. O Brasil não tinha pretensões de entrar na guerra, porém as circunstâncias o obrigaram, além dos levantes populares que estavam acontecendo, devido aos torpedeamentos dos navios mercantes. Sua frota era totalmente sucateada, estava saindo da condição agrária para industrializado, seu exército e marinha, não tinham estruturas. Sua contribuição foi que, o Brasil cedeu trinta navios para a França, dos quarenta e quatro sequestrados da Alemanha que estavam ancorados nos portos brasileiros como represália aos ataques, e a França tinha um prazo de devolução de um ano. Contribuiu também, com a abertura de seus portos para os países aliados que se achavam em guerra, enviou aviadores navais, médicos e soldados para a França e Inglaterra (DARÓZ, 2016). Essas contribuições, fizeram com que o Brasil fizesse parte da Conferência da Paz e conseqüentemente da Liga das Nações.

Também é perceptível que o Brasil teve uma vantagem em cima do confronto que acontecia na Europa, pois enviava produtos para esses países em conflito do qual tinha uma boa relação e depois do bloqueio provocado pela Alemanha, passou por um processo de industrialização valorizando seus próprios produtos.

REFERÊNCIAS:

ARARIPE, Luiz de Alencar. Primeira Guerra Mundial. In: MAGNOLI, D. **História das guerras**. 5ª. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 219 - 353.

_____. O Tratado de Versalhes. In: MAGNOLI, D. **História da Paz: os tratados que desenharam o planeta**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 174 - 198.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**: censo demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia**: a Escola dos Annales. Tradução de Nilo Odália. 2ª. ed. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil**. separata dos Anais do V Simpósio Nacional dos professores Universitário de História - ANPUH. Campinas: [s.n.]. 1971. p. 225 - 239.

CAPELATO, Maria Helena Rolin. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

DARÓZ, Carlos. **O Brasil na Primeira Guerra Mundial**: a longa travessia. São Paulo: Contexto, 2016.

HOBBSAWM, Eric John. **A era dos impérios, 1895 - 1914**. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo Siene Maria Campos. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **Era dos Extremos**: o breve século XX 1914 - 1991. Tradução de Marcos Santarrita. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LUCA, Tânia Regina de. História dos nos e por meios dos periódicos. In: PINSKY, B. **Fontes Históricas**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, v. 1, 2010. p. 111 - 153.

MARANHÃO, Secretaria de Estado da Cultura do. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Benedito Leite: 1821 - 2007**. São Luís: Edições SECMA, 2007.

MONTEIRO, Marcelo. **U-93: A entrada do Brasil na Primeira guerra Mundial**. Porto Alegre: BesouroBox, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Muad, 1999.

SONDHAUS, Lawrence **A Primeira Guerra Mundial: história completa**. Tradução de Roberto Cataldo. São Paulo: Contexto, 2013.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa - **Primeira Guerra Mundial: impactos sobre a economia e a sociedade brasileiras – 1914-1918**. Revista Portuguesa de História. Nº 45 (2014).

Jornais

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 2. Nº 94.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 2. Nº 95.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 2. Nº 96.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 2. Nº 99.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 2. Nº 101.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 3. Nº 02.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 3. Nº 04.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 3. Nº 10.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 3. Nº 12.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 3. Nº 15.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 3. Nº 16.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 3. Nº 22.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 3. Nº 23.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 3. Nº 45.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 4. Nº 24.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 4. Nº 27.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 4. Nº 28.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 6. Nº 148.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 6. Nº 149.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 6. Nº 151.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 7. Nº 08.

CORREIO DO CODÓ: semanário independente, crítico e noticioso. Codó. Ano 7. Nº 30.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. Ano 16. Nº 6616.

PACOTILHA. São Luís. Ano 37. Nº 81.